

## Alguém apaixonado diante do outro que seduz

Maria Fernanda Farinha Beirão

Alguém na experiência limite do amor – o apaixonado – sofre a perda do próprio eu (paixão é *pathos*). Algo inesperado acontece: a sedução que desencaminha. Ao falarmos de amor louco, do amor que extravasa, falamos da sedução limite, diferente da sedução comum. Esta segue as regras do esperado, espelha e reafirma o quem acreditamos ser, nos assegura aquilo que queremos alcançar – é a sedução calculada, que nos encerra no próprio eu. Então, nosso desejo se realiza: aquele que seduz traz-nos o esperado.

Mas, além do prazer está o mistério, o desconhecido, talvez a morte.

“Rápido o olhar  
no raptó  
dos meus olhos nos teus  
no trágico gesto  
que anulou meu poder  
arrasador  
em trânsito por meu ser  
se impôs  
ignorou meu eu  
transgrediu minha consciência  
me arrastou à experiência  
limite  
do amor.”(Clarice Seixas – Poesias)

É esta a sedução que nos rouba de nós mesmos.

(Do latim *seducere*, *ducere* é conduzir e se indica separação: separação daquilo que nos conduz) Algo nos separa do caminho que nos identificava, nos despoja do próprio eu, e a dor que provoca essa ruptura expõe a ferida da incompletude humana agora evidente e insustentável. Na paixão, a ferida que dói e que, ao mesmo tempo, acredita sanar, por isso a paixão renasce na dor, por mais insuportável que esta seja. Já que o sedutor, no raptó do eu, promete trazer de volta algo que sempre se procurou: o outro como parte integrante de si, o tu como um eu, ou o eu como um tu, numa transmutação transformadora, plena, onde a procura dê lugar ao encontro, definitivamente, numa plenitude onde o eu se reconheça no outro como o primeiro eu

(“espelho, espelho meu, há alguém mais amado do que eu?”) (Clarice Seixas – *Poesias*). Similaridade que me submete ao outro em sua estranheza. Assim é a promessa que traz a esperança como uma espera que se renova infinitamente. A promessa de algo que firma o meu eu num futuro que racionalmente me reduz a nada, pois é como um não-eu; mas o que eu vivo é esse não-eu como parte integrante, como um desdobramento que brota do mais íntimo do meu ser, como uma profundidade que me ultrapassa, me expande, e cujo fundo jamais posso alcançar. É aí onde jaz a lembrança que eu não sei, numa dimensão que o saber racional não alcança, aquém da subjetividade, enquanto é seu fundo originário, seu suporte. Talvez a dimensão do humano, que confere uma similaridade a mim e àqueles com quem convivo e que sendo diferentes de mim, são também os meus semelhantes.

A promessa é trazida por alguém que eu desconheço que me leva “de volta” a esse originário de mim mesmo, a um tempo passado que transcende minha história e que vem agora de um futuro. A promessa me acena com um futuro que não é aquele que eu vivo na imediatez das ações cotidianas. Por isso falamos do despertar das lembranças que jazem nessa profundidade do humano que magicamente é tocada pelo sedutor. Falamos da sedução que extrapola as regras, que extravasa os sentimentos e que nos faz ir além... além da alegria e da tristeza, além do prazer e da dor, além do desejo realizável. Por isso, nesta sedução além do princípio da sedução, os sentimentos mais opostos convivem numa inseparabilidade indestrutiva, e aquele que é seu objeto, na paixão, se expõe a riscos imponderáveis. Nas raízes do desejo, o inconformismo com as metas alcançadas na esfera do “ter”, do “adquirido”, a destruição de todos os caminhos planejados. O desafio da sedução é, então, desconcertante. Raptado de si mesmo, o eu se vê como outro, desconhecido, alguém que não pode mais controlar nem prever como se vai comportar, um outro eu que extrapola os limites que lhe foram concedidos. Insaciável na procura desse outro de si mesmo, o eu metamorfoseado pela sedução, o apaixonado, é assolado por sentimentos limítrofes de deslumbramento e angústias. Dores insuportáveis anunciam o perigo dessa transvia onde ficção e realidade se confundem. Na paixão – sofrimento e êxtase. O fascínio do desconhecido é o massacre do próprio eu que fere as expectativas sociais e as próprias crenças que lhe asseguravam uma trilha. Agora, o protagonista da paixão vive transtornos que o levam à loucura.

No entanto, se nos debruçarmos sobre esta loucura, constatamos que, aquele que está louco de paixão, não é o mesmo louco que precisa de um tratamento psiquiátrico ou

ser internado. Este, não consegue apaixonar-se por ninguém. Ao passo que, ao viver uma paixão, eu tomo consciência de que eu sou um outro, um estranho para mim mesmo, que perdi a razão, que faço coisas inaceitáveis, me exponho aos olhos dos que convivem comigo. E constato: loucura, isto que eu faço, loucura, isto que eu sinto, que eu digo...

A paixão é, então, uma espécie de loucura, porque o louco, o que é diagnosticado louco, não consegue enamorar-se, está fechado num mundo tão solitário, tão exclusivo que não pode experimentar a loucura de estar apaixonado por alguém: ele não é seduzido nem seduz.

A paixão consegue. É consumição. Dor de consumição.

Já que o seduzido transita num cenário imaginário, obcecado pela descoberta do outro que é mais que o outro de si mesmo. Então, eu sou seduzido e seduzo o outro (sedutor) ou o outro me seduz porque eu sou esse outro que procuro em mim. A minha convivência com o sedutor, a minha resposta à sua sedução, a minha experiência de sofrer a sedução, a paixão, se dá nesse espaço de ficção, onde os personagens procuram uma identidade que jamais será alcançada.

Profecia do destino humano, a insaciável procura de completude tem como desfecho o fracasso: a face do outro, em toda a sua estranheza como outro, nada mais é que a morte.

Dor de consumição: eu não sei mais quem sou, eu não sei quem é esse que me traz o fascínio de minha própria morte, eu não sei mais o que é real e o que é fantasia. Aliás, a maior parte das vezes, desconfio que tudo não passa de fantasia. E, ao mesmo tempo que eu não posso estabelecer um saber, ele também não me valeria de nada, pois unicamente o que importa é o que eu sinto. Mas este sentir é de tal maneira intenso, impossível de se conter, de ser contido... que só me traz sofrimento, acúmulo de sofrimento, dor insuportável de agüentar.

E, apesar de tudo, suportamos o insuportável, com uma coragem que nos leva à experiência limite da dor, à experiência limite do amor, como uma morte que se instala, corrói... e nos torna sobreviventes, os eternos sobreviventes.

Roland Barthes, em Fragmentos de um discurso amoroso, diz:

“Quando passa a exaltação, fico reduzido à mais simples filosofia: a da resistência (...) Suporto sem me acomodar, persisto sem me endurecer; sempre perturbado, nunca desencorajado; sou uma boneca Daruma, um poussah sem pernas em

que se dão vários petelecos, mas que finalmente retoma seu prumo, graças a uma quilha interior (mas qual é a minha quilha? A força do amor?). É o que diz um poema popular que acompanha essas bonecas japonesas:

‘Assim é a vida  
Cair sete vezes  
E se levantar oito.’ ”

Na paixão, a sedução que magicamente nos submete como um destino, nos faz vergar, nos torna frágeis, sem poder. Mas é na profundidade da experiência amorosa que explode a vida; é na experiência da dor, no seu limite, que a solidão extrema encontra seu suporte. É aí que se aloja a força do próprio afeto, a descoberta de que sou eu que tenho o amor e, então, posso ser amado. A paixão testemunha o poder transformador que está em cada um de nós.